



Lendas
TORRES/RS

DAIANA RAMOS MARTINS

Martins, Daiana Ramos
Lendas Torres/RS / Daiana Ramos Martins. --
Torres, RS : Ed. da Autora, 2025.

ISBN 978-65-01-42735-5

1. Folclore - Torres (RS) 2. Lendas brasileiras
3. Histórias - Miscelâneas 4. Memórias 5. Torres
(RS) - Aspectos culturais 6. Torres (RS) -
História I. Título.

~~25-265993~~

~~CDD-398.22~~

Índices para catálogo sistemático:

1. Lendas : Literatura folclórica 398.22

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Prefácio

Cresci entre as belezas naturais e os mistérios que envolvem Torres. Foi aqui, entre os morros, praias e ventos carregados de histórias, que vivi minha infância e adolescência. A cidade sempre me acolheu com um calor especial e foi esse amor que plantou em mim o sonho de um dia voltar, não apenas como moradora, mas como professora. Hoje, esse sonho é realidade.

Este livro nasceu de uma paixão antiga e de uma curiosidade que nunca se apagou: a de entender melhor as raízes culturais da cidade que tanto amo. Durante uma pesquisa nos arquivos da Casa de Cultura, mergulhei em jornais antigos, relatos esquecidos e fragmentos de uma memória que insiste em sobreviver no imaginário popular. Ali, reencontrei as lendas que embalaram gerações histórias que, apesar do tempo, ainda vivem nas pedras, nas ondas e nas palavras de quem ama Torres.

Reunir essas lendas é mais do que um exercício de memória; é um gesto de carinho e preservação. Que este livro sirva como ponte entre o passado e o presente, e que cada história aqui contada fortaleça o elo entre quem somos e de onde viemos.

A todos que conhecem e amam Torres e mesmo àqueles que ainda vão descobri-la , desejo uma leitura encantadora e cheia de mistérios.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| LENDA DA MORTE DO PADRE LAMÔNACO..... | 06 |
| LENDA DO HOMEM SECO..... | 09 |
| LENDA DO CEMITÉRIO..... | 11 |
| LENDA DO HOMÚNCULO..... | 13 |
| LENDA DO TESOURO DA GUARITA | 15 |
| A LENDA DA LAGOA DO VIOLÃO..... | 18 |
| LENDA DO DIAMANTE DA FURNA..... | 21 |



LENDA DA MORTE DO PADRE LAMÔNACO

Na cidade de Torres, entre o verde dos morros e o azul profundo do mar, ergue-se com imponência a antiga Igreja de São Domingos, construída com fé e suor no ano de 1824. Ela guarda em seus muros não apenas a história de um povo, mas também o eco silencioso de uma alma que amou mais do que tudo as belezas daquela terra.

Entre seus muros e vitrais vive a memória do Padre Lamônaco, um vigário italiano que, ao chegar ao Brasil, encontrou em Torres seu lar e sua missão. Amava profundamente a cidade, seu povo, sua fé... mas, acima de tudo, amava o mar. Passava horas contemplando as ondas e o horizonte, dizendo que ali, na imensidão azul, via Deus mais claramente.

O padre sonhava em completar a igreja com duas torres, como nas catedrais barrocas de sua juventude na Itália. Ele dizia que as duas torres seriam como mãos erguidas ao céu em oração. Construiu uma... mas a segunda nunca se ergueu.

A doença chegou silenciosa, tomando-lhe as forças aos poucos. Já velho e frágil, confinado à cama, o padre sabia que seus dias estavam contados. Mas antes de partir, fez um último pedido às pessoas que lhe eram próximas — um desejo tão incomum quanto profundo:

— “Quando eu me for, não me enterrem... Me lancem ao mar. Que meu corpo descanse onde meu coração sempre esteve.”

Após sua morte, respeitando seu desejo, os moradores, com dor no coração, conduziram seu corpo até as pedras que ele tanto amava e o lançaram ao mar. Mas o oceano, em silêncio, devolveu-o à areia na manhã seguinte, como quem se recusa a guardá-lo.

Tentaram uma segunda vez, mais longe, mais fundo... Mas novamente, o mar trouxe de volta o corpo do padre, repousando suavemente na praia ao amanhecer

Sem saber o que fazer, a comunidade decidiu sepultá-lo ali mesmo, dentro da torre da igreja que ele conseguiu construir — a única que se ergueu. A segunda torre jamais foi finalizada.

E assim, a Igreja de São Domingos permanece com uma única torre, guardando para sempre o coração e os restos mortais de um homem que viveu para servir, construiu com amor, e pediu ao mar um descanso que o mar, por algum motivo sagrado, recusou.

Hoje, quando o vento sopra entre os sinos da igreja e as ondas batem contra as pedras, alguns dizem que é o espírito do Padre Lamônaco que passa por ali, abençoando sua torre e vigiando, em silêncio, a cidade e o mar que tanto amou.



LENDA DO HOMEM SECO

Conta a lenda que, com a chegada dos alemães protestantes na vila de Torres, o povo que aqui morava ficou assustado, pois nunca havia visto pessoas de pele tão clara, de olhos claros, e que falavam uma língua diferente. Além disso, frequentavam outra igreja, o que despertava desconfiança entre os moradores locais. Por ignorância e medo do desconhecido, muitos acreditavam que aqueles estrangeiros cultuavam o demônio ou praticavam feitiçaria.

Dentre todos os recém-chegados, havia um homem muito estranho, sempre calado, que andava sozinho pelas trilhas da mata, sem se misturar com ninguém. Seu rosto era pálido como a lua cheia e seus olhos tinham um brilho vazio, como se não tivesse alma. Não falava com ninguém e, quando olhava, parecia atravessar a pessoa com o olhar. Por isso, passou a ser conhecido como "O Homem Seco", pois diziam que não tinha sentimentos, nem carne no corpo — apenas pele e ossos, como um cadáver vivo.

As crianças eram proibidas de chegar perto dele, e muitos juravam que o viram conversando com sombras ou desaparecendo entre as árvores sem deixar rastros. Com o tempo, começaram a surgir histórias estranhas: animais encontrados mortos sem explicação, marcas no chão como se algo tivesse sido arrastado, e até pessoas que diziam ter ouvido sussurros na floresta chamando por seus nomes.

Os mais antigos diziam que o Homem Seco era um castigo dos céus, uma alma penada que acompanhava os protestantes para espalhar o medo e testar a fé dos moradores da vila. Outros acreditavam que ele era apenas um homem triste e solitário, com um passado sombrio que ninguém conhecia. Ainda hoje, dizem que nas noites de lua nova, sua figura pode ser vista entre os pinheiros da serra, andando lentamente, como se procurasse algo...



LENDA DO CEMITÉRIO

No início do século, o cemitério da cidade localizava-se no alto do Morro do Farol. Era um lugar silencioso, cercado por árvores antigas e com vista para toda a cidade. Nesse cemitério foi enterrado o vigário da cidade, um homem respeitado por todos, cuja morte causou grande comoção entre os moradores.

Algum tempo após o enterro, uma misteriosa inscrição apareceu na lápide do padre: "SAUDADES DE SUAS FILHAS".

A notícia se espalhou rapidamente, provocando escândalo e confusão entre os habitantes. Muitos ficaram perplexos e indignados, pois não conseguiam aceitar que um sacerdote, que havia feito voto de castidade, pudesse ter tido filhas.

Para acalmar os ânimos e conter os boatos que se multiplicavam pela cidade, alguns tentaram justificar dizendo que se tratavam de "filhas espirituais", jovens que ele havia orientado e cuidado como se fossem suas próprias filhas, dentro do ministério.

Ainda hoje, há quem diga que, em noites de lua cheia, pode-se ouvir vozes sussurrando perto da antiga lápide, como se fossem ecos de um passado que insiste em não ser esquecido.



A LENDA DO HOMÚNCULO

Conta-se que muitas pessoas que se aventuram a subir o Morro das Furnas ou que caminham pela tranquila praia da Guarita durante as horas silenciosas da noite, estão sujeitas a um encontro inesperado e aterrorizante: o temido Homúnculo.

Essa criatura misteriosa é conhecida por surgir repentinamente, interrompendo a paz do ambiente com sua presença assustadora. Segundo os moradores mais antigos da região, ele aparece como uma figura de estatura baixa, vestida com trapos velhos e rasgados, exalando um ar sombrio e inquietante.

Dizem que o Homúnculo não é uma entidade comum, mas sim o espírito atormentado de um homem que, tomado pelo desespero, cometeu suicídio ao lançar-se de um dos imponentes paredões rochosos que cercam o local. Desde então, sua alma vaga pelas redondezas, presa entre este mundo e o outro, tentando talvez encontrar descanso ou alertar os vivos sobre os perigos da escuridão e do sofrimento silencioso.

Relatos de encontros com essa figura são sempre acompanhados de calafrios, sons inexplicáveis e uma sensação profunda de tristeza. Alguns afirmam que ele apenas observa, enquanto outros juram que foram perseguidos por ele até conseguirem escapar correndo pela areia molhada da praia.

A lenda persiste, passada de geração em geração, como um aviso: quem se aventura pela Guarita à noite deve estar preparado para mais do que a beleza do luar sobre o mar — pode acabar frente a frente com o Homúnculo



LENDA DO TESOURO DA GUARITA

Conta a lenda que, há muito tempo, em frente à encantadora Praia da Guarita, ancorou um imponente navio pirata. Era uma embarcação temida, de velas largas e bandeira negra, que despertava medo por onde passava. Os piratas, após longas jornadas pelos mares em busca de riquezas, escolheram aquele recanto isolado para descansar e proteger os tesouros acumulados em suas andanças.

No porão do navio, escondido entre barris e caixas pesadas, havia um enorme baú repleto de ouro, joias, pedras preciosas e objetos raros. O brilho do tesouro era tão hipnotizante que dois dos tripulantes, tomados pela ganância, decidiram traçar um plano ousado para fugir com parte daquela fortuna. Durante uma madrugada silenciosa, os dois ladrões conseguiram escapar discretamente com o baú, arrastando-o até uma gruta escondida na encosta.

No entanto, exaustos pela fuga e pelo peso da carga, resolveram descansar antes de continuar. Mal sabiam eles que a sorte estava prestes a abandoná-los. Enquanto dormiam, os outros piratas perceberam a traição e partiram em busca dos fugitivos. Quando os alcançaram, tomados pela fúria, assassinaram um dos traidores ali mesmo, sem piedade.

O segundo ladrão, ao ver o companheiro morto, entrou em desespero e fugiu desesperadamente, subindo pelo Morro das Furnas. Corria sem olhar para trás, sempre perseguido pelos membros do bando que não estavam dispostos a deixar o tesouro escapar de suas mãos.

Dizem que ele conseguiu se esconder entre as pedras e a vegetação do morro, e que o tesouro, até hoje, nunca foi encontrado. Muitos acreditam que ele ainda está enterrado em algum lugar daquela paisagem misteriosa, guardado pelo espírito inquieto dos piratas que ali pereceram.



A LENDA DA LAGOA DO VIOLÃO

O Amor de Puiara e Ocarapoti

Muito antes da cidade de Torres existir como a conhecemos, as terras à beira-mar eram habitadas por uma tribo indígena que vivia em perfeita harmonia com a natureza. O mar lhes dava alimento, os ventos cantavam segredos aos pajés, e a lua cheia era celebrada com danças e canções em volta da fogueira.

Certa noite, durante uma tempestade feroz, um naufrágio ocorreu próximo às pedras que hoje cercam o Morro do Farol. Os guerreiros da tribo encontraram entre os destroços um jovem sobrevivente, desacordado e ferido. Ele não pertencia àquelas terras, mas trazia algo misterioso consigo: uma espécie de instrumento que ninguém ali havia visto, feito de madeira e cordas, que produzia sons suaves e encantadores.

Esse jovem chamava-se Puiara.

Nos dias que se seguiram, Puiara recuperou-se com a ajuda dos curandeiros da tribo. Logo, começou a tocar seu instrumento, que chamava de "violão", espalhando uma música mágica que fazia os animais se aproximarem, as crianças sorrirem e até os mais rígidos anciãos suspirarem. Seu talento era considerado um dom espiritual.

Entre os encantados pela música estava Ocarapoti, a bela filha do chefe da tribo. Seus cabelos negros brilhavam como a noite, e seu olhar doce era tão profundo quanto o oceano. Aos poucos, nasceu entre ela e Puiara um amor puro, como aquele que só se vê nos contos que o vento leva pelas montanhas.

Mas o tempo passou, e os pajés começaram a dizer que o dom de Puiara não podia pertencer apenas a um homem. Diziam que, se ele fosse sacrificado em um ritual ancestral, a música viveria para sempre entre o povo da tribo, passada de geração em geração.

O chefe, mesmo com o coração apertado, cedeu à pressão do conselho. Ocarapoti suplicou, chorou e até ameaçou fugir com Puiara, mas nada pôde impedir o ritual. Em uma noite silenciosa, sob o luar frio, Puiara foi entregue aos deuses da música. Seu violão foi colocado ao seu lado, e logo depois, o som cessou. Para sempre.

Desesperada, Ocarapoti fugiu para as margens de uma pequena lagoa escondida entre as dunas e as pedras. Ali, chorou por dias, noites e semanas. Suas lágrimas eram tantas que inundaram o local, fazendo crescer as águas da lagoa. Dizem que o formato da lagoa, quando vista de cima, se transformou no contorno do instrumento que Puiara tocava: um violão.

Desde então, aquela lagoa recebeu o nome de Lagoa do Violão.

Alguns dizem que, nas noites de lua cheia, é possível ouvir uma suave melodia vinda das águas – como se o espírito de Puiara ainda tocasse seu instrumento, embalando o choro eterno de sua amada Ocarapoti.



LENDA DO DIAMANTE DA FURNA

Dizem os antigos moradores da cidade de Torres que, escondido entre as rochas à beira-mar, existe um lugar misterioso chamado Furna do Diamante. Por gerações, sussurros e histórias sobre esse lugar ecoaram pelas ruas, como brisa do oceano trazendo segredos antigos. Fala-se de uma pedra preciosa, um diamante de brilho incomparável, que nunca foi encontrado por mãos humanas. Muitos tentaram, mas nenhum voltou com a joia.

Mas essa não é uma furna comum. Ela guarda um segredo mágico, envolto em uma lenda encantadora e misteriosa.

Segundo contam os mais velhos, todas as sextas-feiras de lua cheia, quando o relógio marca meia-noite, uma sereia encantada aparece na entrada da furna. Ela é descrita como uma criatura de beleza sobrenatural, com longos cabelos prateados que brilham como estrelas refletidas na água. Seu canto é doce e melancólico, e atrai não apenas os curiosos, mas também aqueles que acreditam na magia.

A sereia, ao avistar alguém próximo à furna, se aproxima lentamente e, com voz suave, faz sempre o mesmo pedido:

— Você tem um pente?

A resposta que se dá à sereia é o que define o rumo da história. Se a pessoa perguntar:

— Para que queres o pente?

Ela simplesmente responde:

— Para pentear meus longos cabelos...

E então desaparece nas ondas, sem deixar rastros.

Mas a lenda revela um segredo: se alguém lhe oferecer o pente sem nada perguntar, com um gesto puro e generoso, a sereia sorri, começa a pentear seus cabelos prateados e, como forma de gratidão, revela onde está escondido o lendário Diamante da Furna. A joia mágica, guardada há séculos, é conhecida por trazer não apenas riqueza, mas também sabedoria e proteção a quem a encontra com o coração puro.



Daiana Ramos Martins

@daiana_martins

51 983377514

27 anos

Graduação:

Educação Física Licenciatura

Pós-Graduação:

Educação Inclusiva

Docência no Ensino Superior

Supervisão Educacional

Orientação Educacional

Coordenação Pedagógica

Mestranda em Educação

Este livro nasce do sonho que ousou atravessar os limites da imaginação para se tornar palavra viva. Cada página é um pedaço de alma, uma promessa cumprida, um passo firme na trilha da realização.

Dedico esta obra a todos que acreditam na força dos sonhos e na beleza de torná-los reais.

Mãe da princesa Beatriz e filha de Jucimeri e Jorge Nereu.

Torres é feita de paisagens deslumbrantes... e de histórias que resistem ao tempo.

Neste livro, você encontrará lendas colhidas em arquivos antigos, resgatadas da memória da cidade e reunidas com o cuidado de quem cresceu entre seus encantos.

De monstros marinhos a amores impossíveis, de aparições místicas às vozes do vento, cada página guarda um pedaço da alma de Torres — e convida você a mergulhar nos mistérios que fazem parte da sua identidade.

Uma homenagem à cultura, ao imaginário popular e ao espírito de uma cidade que, mais do que lugar, é sentimento.

ISBN 978-65-01-42735-5

1. Folclore - Torres (RS) 2. Lendas brasileiras